TL 3063

FORMAÇÃO PARA A DEMOCRACIA EM TIMOR LESTE

PROJECTO DE ACÇÃO

a realizar

de 12 de Outubro de 1996 a 18 de Maio de 1997

na

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa

Organização

MOVIMENTO CRISTÃO PARA A PAZ = YOUTH ACTION FOR PEACE

(MCP/YAP)

com o apoio da

COMISSÃO ORGANIZADORA DAS JORNADAS DE TIMOR

da

UNIVERSIDADE DO PORTO

da

FACULDADE DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

da

UNIVERSIDADE DE LISBOA

da

UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

da

UNIVERSIDADE DO MINHO

da

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

da

ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE COIMBRA

e da

ASSOCIAÇÃO DOZE DE NOVEMBRO

Carla Vendinha
(Licenciada em Sociologia)
Presidente Nacional do MCP/YAP

António Barbedo de Magalhães
(Professor Catedrático)
Coordenador das Jornadas de Timor
da Universidade do Porto

INDICE

1. SITUAÇÃO ACTUAL E JUSTIFICAÇÃO DA ACÇÃO

2. OBJECTIVOS

3. PARTICIPANTES

4. ESTRUTURA DA ACÇÃO E CALENDÁRIO

5. ORGANIZAÇÃO, E ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA POLÍTICA E TÉCNICA

6. ORÇAMENTO

7. CONDIÇÕES MÍNIMAS PARA A CONCRETIZAÇÃO DO PROJECTO

1. SITUAÇÃO ACTUAL E JUSTIFICAÇÃO DA ACÇÃO

Apesar de se terem passado já mais de vinte anos, desde que as forças indonésias invadiram o território não autónomo de Timor Leste, ocupando-o pela força e contra as normas e princípios básicos do direito internacional, apesar do generalizado desconhecimento ou indiferença internacional relativamente ao drama de uma ocupação brutal responsável por um dos maiores senão o maior genocídio do século, em termos relativos, apesar da falta de apoios da Resistência Timorense, o problema de Timor Leste não pode, não deve e não parece estar destinado a eternizar-se.

Na Conferência Internacional Educativa e de Diálogo sobre Timor Leste, seu futuro na Ásia-Pacífico, realizada em Sydney, Austrália, de 21 a 27 de Junho de 1996, quer os perto de dez participantes timorenses vindos do interior, quer os cerca de quinze participantes indonésios vindos do seu país, mostraram não só uma grande determinação em mudar a situação política, em direcção à democracia e consequente autodeterminação, mas também uma grande esperança de que importantes transformações políticas possam ocorrer na Indonésia nos próximos um a três anos.

Curiosamente foi no mês de Junho que o alarme soou, nos meios financeiros internacionais, relativamente à situação política na Indonésia.

O primeiro sinal terá vindo do conceituado **Wall Street Journal**, publicado em Nova York, EUA, e que, em editorial publicado no dia 6 de Junho de 1996, diz a propósito do ex-deputado da domesticadissíma Assembleia de Jakarta, Bintang Pamungkas, entretanto expulso do Parlamento, julgado e condenado a três anos de prisão "por insultar o Presidente", e que recentemente criou um partido (não legalizado) chamado Democracy Union Party for Indonesia:

"A imediata celebridade de um homem atrevido e sem nada a perder, tal como a repentina força dos protestos estudantis em South Sulawesi (Celebes do Sul) e muitos sítios, são síntomas de uma sociedade sem válvulas de segurança, a enviar sinais de aviso para o exterior."

E acrescenta o editorialista mais adiante:

"Os cidadãos sentem-se privados de outros símbolos, de leaders e escapes para o descontentamento, e da possibilidade quotidiana de ter mais a dizer sobre o seu próprio destino".

Depois de referir as perguntas que Pamungkas levanta:

- *"Porque é que os militares têm um papel tão importante no Governo?"*

- *"Que papel podia ter um movimento sindical independente?"*

- *"Porque é tão difícil tratar da corrupção?"*

- *"Porque é que o Governo central não delega mais poderes nas autoridades regionais?"*

O editorialista do mais importante jornal dos meios financeiros americanos e internacionais conclui:

"Tópicos como este são debatidos e respondidos satisfatoriamente através do discurso político normal em muitas partes do globo, à medida que a verdadeira democracia se estabelece em cada vez mais países. Também está completamente provado, por outros casos, que a queda no caos começa não quando as questões são postas, mas quando as perguntas, tal como as pressões sociais, são mantidas arrolhadas até explodirem".

Em 29 de Junho de 1996 é a vez do conceituado semanário "**The Economist**" de Londres, titular o seu editorial de forma expressiva:

"Aprés Suharto" ("Depois de Suharto")

Dois subtítulos justificam o título:

"Os céus estão a escurecer na Indonésia" ("Skies are darkening in Indonesia"); e

"Receitas para a instabilidade" ("Recipes for instability").

O editorial começa com uma pergunta:

"Qual dos três ditadores há mais tempo no poder será seguido de maior dilúvio?"

E o mesmo termina com a resposta:

"Os seus 190 milhões de habitantes fazem da Indonésia a quarta maior nação do mundo. Com estabilidade política, poderia tornar-se rica e influente. Sem ela, pode-se tornar uma desordem capaz de eclipsar o Zaire"(...).

(que segundo o autor tem todas as condições para sofrer uma enorme derrocada quando aí acabar a ditadura do General Mobutu.)

E continua: *"A última tarefa de Suharto, em funções, é libertar o sistema político de modo a que os Indonésios possam escolher livremente o seu próximo Presidente e Governo. Minar a oposição não é a maneira de começar."*

Em 18 de Julho é a vez do respeitado semanário publicado em Hong Kong, **Far Eastern Economie Review** publicar também um editorial sobre

"Sucesso e Sucessão - Preparando a Indonésia para depois de Suharto" ("Sucess and Sucession - Preparing Indonesia for after Suharto"). Citamos apenas algumas frases:

"Temos que argumentar que uma economia sofisticada requer, no mínimo, o consentimento tácito de um público cada vez mais sofisticado"(...).

"Numa atmosfera política tão carregada, no entanto, a renovação, à força, da Srª Megawati da liderança da oposição apenas contibuirá para reforçar a atracção que já exerce para o povo cujo sentido de injustiça é já forte (...). O problema é que os sentimentos estão lá, e que as divisões existem mesmo no seio do próprio Governo de Suharto. A prioridade, agora, tem de ser assegurar uma sucessão decente e em ordem".

Um conceituado jornal Japonês, **AERA**, publicado em Tókio, manifesta, a irritação dos meios económicos e financeiros nipónicos e nomeadamente da sua industria automóvel, devido às isenções de impostos de importação e outras taxas ao carro coreano a ser comercializado, primeiro, e fabricado, depois, por uma empresa do filho do Presidente da Indonésia, Tommy. Esse artigo, publicado em princípios de Julho, inclui um "cartoon" do General Suharto cheio de condecorações, todas elas constituídas por caveiras do lado esquerdo do peito, e umas algemas e um instrumento de tortura, do outro lado.... No subtítulo lê-se: "- *A família do Presidente aferrolha a economia do país*".

Finalmente, e de novo nos EUA, a "**Business Week**" titula, em editorial de 20 de Julho de 1996:

"A garra de Suharto está a definhar: Quem virá a seguir?" (Suharto's grip is loosening: who will come next?")

O editorialista da Business Week escreve:

"Desde que aquela que foi a esposa de Suharto durante 49 anos morreu, em fins de Abril, um visitante frequente do leader de 75 anos notou: - «A sua face está triste - mais velho, mais fraco e solitário». Por isso, quando Suharto voou para a Alemanha, nos princípios de Julho, para se submeter a testes médicos, poucos observadores ficaram surpeendidos. Embora os médicos tenham diagnosticado um estado se saúde normal para um homem da sua idade, acredita-se que sofre do coração, com complicações devidas a diabetes, pedras nos rins e problemas na próstata. "(...)

"Hoje, muitos analistas acreditam que Suharto não tem estamina para governar esta nação de 190 milhões de habitantes durante muito mais tempo, sobretudo agora que uma oposição política credível emergiu."

E o editorial do Business Week termina:

"Para salvaguardar os bens dos filhos, Suharto tem que se confrontar, brevemente, com o problema da sucessão, antes que a turbulência política o deixe sem possibilidades de escolha."

No mesmo dia, 20 de Julho de 1996, **The New York Times** titula, também um editorial: *"Agitação na Indonésia (Stirrings in Indonesia")*. E diz *"Muitos anos de controlo militar emperraram a vida política na Indonésia, a 4ª nação do mundo em população. Agora com o Presidente Suharto a chegar perto do fim do seu sexto e,*

possivelmente, último mandato, o debate sobre o futuro do país e das suas instituições começa a renascer."

"Esta é uma evolução que os Estados Unidos deveriam encorajar, e não propriamente por razões idealistas. Uma ditadura prolongada permitiu o florescimento da corrupção, deixando a Indonésia sem um sistema legal independente para resolver as disputas comerciais que, por vezes, envolvem companhias estrangeiras, quer americanas, quer de outros países" (...).

"Durante a guerra fria, Washington fez vista grossa, demasiadas vezes, dos processos repressivos do governo de Suharto, o mesmo fazendo em relação á anexação e ocupação, pela força, de Timor Leste. Hoje é necessária uma abordagem mais franca."

"A América devia apoiar os esforços da impressionante rede de organizações cívicas independentes, a fim de suavizar a transição para um futuro mais democrático"(...).

"A Administração tem o direito de procurar oportunidades económicas na Indonésia. Mas serve melhor os valores americanos e os interesses económicos a longo prazo, apoiar os Indonésios que pressionam para uma maior democracia e direitos humanos."

Até agora, quando o regime ditatorial indonésio reprimia, quer em Timor Leste quer na própria Indonésia, tinha por trás o apoio generalizado dos governos ocidentais (e japonês) e dos grandes grupos financeiros. Nos últimos dois meses esse apoio começou a ser posto em causa, de forma pública e clara.

Isto é um sinal de que os tempos já começaram a mudar. E, com eleições parlamentares previstas, para Março ou Abril de 1997, e eleições presidenciais marcadas para 1998, tal significa que as mudanças na Indonésia deverão ocorrer - de acordo com os interesses dos meios financeiros americanos, japoneses, britânicos ou de outros países do extremo oriente (nomeadamente os grandes grupos liderados por chineses de Hong Kong, Taiwan ou mesmo do Sul da China),- até 1998.

Não sendo certo que as coisas corram conforme os interesses desses meios financeiros, não há dúvida, no entanto, de que o seu peso na evolução é determinante.

A crescente firmeza, consistência e credibilidade da oposição democrática indonésia e a tenás coragem da Resistência Timorense, podem encontrar, finalmente, a oportunidade há tanto tempo desejada e procurada.

Nestas circunstâncias, e apesar das mil contingências da história, que nos impedem de fazer predições, há que considerar seriamente a hipótese de, dentro de um tempo relativamente curto, e antes do fim do século, o povo de Timor Leste ser confrontado com a hipótese de se auto-governar.

As tremendas dificuldades e a premência da luta têm deixado pouco tempo e poucas energias disponíveis para os Timorenses, nomeadamente os mais empenhados

na construcção de uma Pátria Livre e Democrática em Timor Leste, para debaterem algumas questões que, uma vez terminada a ocupação Indonésia, lhes caberá resolver.

Por mais do que uma vez o Lider da Resistência, Xanana Gusmão, solicitou aos seus concidadões, que refletissem e discutissem essas questões lembrando a necessidade de se gerarem concensos em torno de uma estratégia para se alcançar a auto-determinação.

Ele próprio tem lançada ideias e sugerido pistas com as suas opiniões quanto ao futuro, pedindo aos timorenses residentes fora da sua martirizada terra que reflictam e discutam sobre esses assuntos, em diálogo, tão intenso e tão fundo quanto possível, com aqueles que em Timor e na Indonésia, na Resistência Armada, na Frente Clandestina, nas prisões, nos campos e nas cidades, lutam pela Libertação da sua Pátria.

È com o objectivo de facilitar esse diálogo aberto e amplo que esta acção é proposta.

Chamar-lhe Acção de Formação Para a Demoracia é, talvez, usar uma designação demasiado pomposa. De facto a formação para a Democracia faz-se lutando pela própria Democracia, pela Justiça, pela Direito, pela Paz no respeito pelo Direito Internacional e pela Liberdade e Dignidade de cada cidadão. E isso é o que a Resistência tem feito desde a primeira hora. Esta é, aliás, uma razão fundamental para esta acção de formação não ter "professores" não timorenses, nem programas definidos. E esta é uma razão fundamental, também, para dar a maior importância aos que, nas montanhas, nas prisões e na clandestinidade das vilas e cidades, se tornaram mestres da luta pela Liberdade e pela Democracia.

Mas, apesar da consciência que temos da pequenês da acção perante a grandeza da Lição que é a própria luta dos timorenses pela sua auto-determinação, julgamos que é uma acção necessária, e que pode, desde que realizada em estreito diálogo com os timorenses do interior, gerar novas ideias, alcançar consensos ou, mais importante ainda, favorecer o respeito mútuo no diálogo franco e confronto construtivo próprios e necessários a uma vivência democrática.

2. OBJECTIVOS

Tendo em conta o exposto no ponto anterior, o objectivo desta acção é proporcionar condições para o debate e a vivência democrática entre timorenses e para a auto-formação para a democracia, de forma a abrir perspectivas para uma rápida implantação e consolidação da democracia em Timor Leste, logo que termine a ocupação Indonésia.

Deste modo se espera contribuir para reduzir os problemas que, naturalmente, são de prever, na complexidade das situações e nas dificuldades das sequelas a que mais de vinte anos de uma ocupação brutal e traumática irão dar lugar inevitávelmente.

Não se trata de um curso de formação mas sim da criação de condições para a Auto-Formação, já que acreditamos mais nas virtualidades da auto-descoberta das vias e opções políticas possíveis e desejáveis, do que na paternalista e pouco eficaz acção do ensino, eventualmente dirigida para objectivos norteados mais pela nossa própria cultura, pressupostos e convicções, do que pelo sentir, pela inteligência e pelas convicções dos próprios timorenses.

Nestas circunstâncias o que se propõe, nesta acção, é Proporcionar Condições para a Auto-Formação para a Democracia, para a Expressão Democrática nas suas várias formas.

É objectivo essencial desta acção envolver nas discussões timorenses não apenas residentes em Portugal, mas também, e sobretudo, timorenses que vivem, que sofrem e que lutam na sua terra ou na Indonésia, e outros resisentes na Austrália e noutros países.

O carácter não directivo e aberto da iniciativa e os meios, que no seu âmbito serão postos à disposição dos participantes - telefone, fax, correio electrónico, Internet e, se possível, rádio e televisão, através da RDP Internacional e da RTP Internacional - visam esse objectivo essencial, fazendo com que os efeitos da acção sejam multiplicados, estendendo os debates por esta suscitados a um número muito maior de Timorenses.

3. PARTICIPANTES

Tratando-se de uma Acção de Auto-Formação, faz mais sentido falar de participantes do que de destinatários.

Embora de uma forma pessoal directa só possam participar residentes em Portugal, por questões práticas óbvias, a acção incluirá também timorenses residentes na Austrália e noutros países, e sobretudo residentes em Timor Leste e na Indonésia. A participação destes últimos só poderá fazer-se via fax, correio electrónico ou muitos outros meios de comunicação à distância. A RDP Internacional e a RTP Internacional poderão desempenhar um papel importante, que lhes será solicitado.

Esta acção dirige-se directamente apenas a oitenta participantes. Mas, através destes, e utilizando os meios atrás referidos e, eventualmente, outros ainda, serão atingidos números muito mais alargados de timorenses - nomeadamente de resistentes - e até também de apoiantes da Resistência. Através do primeiro grupo de participantes directos se desdobrarão interacções e diálogos, aquisições de saberes e instrumentos que serão trabalhados com todos os implicados na luta e na reconstrução de uma nacionalidade.

Em paralelo com esta iniciativa, e em cooperação com a TimorNet da Universidade de Coimbra, a Comissão Organizadora das Jornadas de Timor da Universidade do Porto está a pensar em organizar um Curso de Introdução à Indonésia e Timor Leste, com uma forte componente histórica, mas que incluirá ou desembocará em análises políticas, sociais, económicas e antropológicas.

Dado o elevado número de timorenses residentes na Austrália, será estudada a hipótese de organizar uma video-conferência entre timorenses, ligando Lisboa a Sydney, Melbourne, Darwin e Perth num debate simultâneo.

Será desejável que, alguns meses depois de terminada a acção, se organize um Congresso de Timor Leste a pensar no futuro:

"Timor Leste, a Construção de um País na Zona da Ásia-Pacífico".

Quanto aos participantes directos, consideramos como valores de referência os seguintes:

Timorenses:	60
Não-Timorenses:	20
Total	**80**

A experiência da Comissão Organizadora das Jornadas de Timor da Universidade do Porto, que no ano lectivo passado organizou uma série de "Debates a Pensar no Futuro de Timor Leste " em que participaram timorenses em números que oscilaram entre os 50 e os 80, e não timorenses entre 10 e 25 , indica-nos o grau de apetência e interesse por este tipo de iniciativas.

Os participantes timorenses serão, na medida do possível, predominantemente jovens, nomeadamente estudantes, mas com abertura também a menos jovens particularmente interessados e empenhados na preparação de um futuro de Paz e Liberdade para o seu país.

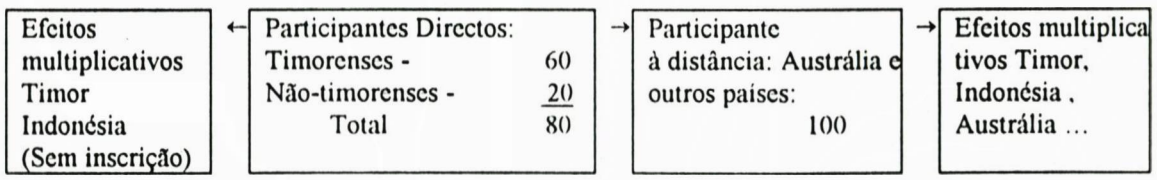
Os participantes não timorenses serão, prioritáriamente jovens estudantes, tanto quanto possível de áreas científicas diferenciadas.

A participação de timorenses residentes em Timor Leste, na Indonésia e na Austrália implicará a tradução para inglês, tetum e bahasa indónesio de parte dos textos a produzir, ou a fazer programas de rádio ou de televisão em qualquer destas línguas ou multilínguas.

O esquema de participação de timorenses residentes em Timor Leste ou na Indonésia terá que ser muito flexível, não implicando qualquer inscrição formal por razões de segurança.

Será considerada a inscrição de timorenses residentes na Austrália e noutros países, em número que se prevê da ordem dos cem.

Esquematicamente os participantes serão:



Os participantes directos, e os participantes à distância residentes em países democráticos deverão inscrever-se.

Os residentes em Timor e na Indonésia, por razões de segurança, não terão ficha de inscrição.

4. ESTRUTURA DA ACÇÃO E CALENDÁRIO

Tendo em conta que se trata de uma acção de auto-formação, não há um programa completamente definido à partida.

No entanto, de contactos anteriores, e da experiência dos "Debates a Pensar no Futuro de Timor" realizados em 1995/96, sabe-se existir interesse, da parte de muitos jovens timorenses, em estudar e bebater os temas indicados a seguir:

1) Definições de um plano político para a auto-determinação do Povo de Timor Leste .

1.1) Discussão do papel de Portugal, da Indonésia e de outros países, das Nações Unidas e de outras Organizações Internacionais;

1.2) Discussão de um calendário para as fases do processo político de auto-determinação;

1.3) Retirada das forças ocupantes e constituição de uma Força de Paz ou de uma Força de Polícia; apoio à readaptação de guerrelheiros às novas condições de vida;

1.4) Papel dos guerrelheiros na estrutura social e nas forças militarizadas ou de polícia;

1.5) Retirada faseada de funcionários indonésios e sua substituição por quadros timorenses;

1.6) Definição do modo de consulta aos timorenses;

1.7) Estabelecimento das regras sobre quem tem o direito e/ou dever de votar, para decidir sobre o futuro político de Timor Leste;

1.8) Saída ou não de transmigrantes, quando e em que condições; plano indonésio ou internacional de realojamento de transmigrantes indonésios, eventualmente nas terras de origem ou noutras regiões;

1.9) Recuperação, pelas famílias, das terras e outros bens mobiliários ilegitimamente tomados por terceiros; apoio ao realojamento de famílias timorenses nas suas áreas de origem de onde foram forçados a sair, ou noutras de sua escolha;

1.10) Pacificação da sociedade timorense e recuperação de pessoas que tenham servido nas forças militares ou militarizadas, incluindo os serviços secretos indonésios;

2) Acções a serem desenvolvidas com vista ao reajustamento das várias estruturas

2.1) Definição das linhas mestras de um plano de pacificação geral e de reconstrução nacional de Timor Leste;

2.2) Exigência ou não de reparações de guerra;

2.3) Exigência ou não de julgamentos dos que cometeram crimes contra a humanidade e crimes de guerra;

2.4) Apoio a orfãos, a viúvas e ex-presos políticos e á sua reinserção social;

2.5) Apoio médico e alimentar a pessoas traumatizadas, doentes ou carentes;

2.6) Lançamento de projectos de correcção de faltas e anomalias dos sistemas de águas, esgotos e outros serviços essencias;

2.7) Campanhas para a erradicação de malária, da tuberculose e outras doenças endémicas;

2.8) Programa de apaziguamento e da promoção de relações fraternas entre timorenses e indonésios, nomeadamente transmigrantes;

2.9) Reflorestamento e restabelecimento dos equilíbrios ecológicos afectados pelos bombardeamentos com napalm e pela rapina do sândalo branco de Timor;

2.10) Papel de Portugal, da Indonésia, do Japão, da Austrália e de outros países e de organizações Internacionais num Plano de Reconstrução Nacional.

3) Esboço de um futuro para Timor Leste

3.1) Organização política da Nação Timorense;

3.2) Relações Internacionais de Timor Leste, nomeadamente com Portugal, Indonésia, Austrália e outros países;

3.3) Estrutura da defesa e alianças político-militares, pactos ou acordos com organizações estrangeiras ou internacionais;

3.4) Organização económica de Timor Leste;
Sectores primário, secundário e terciário; estrutura empresarial; política económica global;

3.5) O petróleo e o desenvolvimento económico e social de Timor Leste; negociação internacional de petróleos do mar de Timor;

3.6) Sistema educativo e estrutura social;

3.7) Saúde e assistência social;

3.8) Cultura e relações inter-culturais - preservação de línguas e culturas dos vários povos de Timor Leste; relações com outros povos e outras culturas, etc..

3.9) Estrutura social tradicional e seus reflexos na organização futura da sociedade Timorense.

3.10) Papel da Igreja Católica e de outras estruturas e confissões religiosas em Timor Leste;

Estes temas e eventualmente outros que entretanto venham a ser propostos pelos participantes, serão estudados e discutidos em pequenos grupos.

Haverá a preocupação, por parte dos próprios participantes, com o opoio do Conselho Científico e Político, em começar por fazer a recolha de dados e elementos bibliográficos. Quando possível será pedido a um timorense ou outra pessoa mais informada sobre algum tema especifico, que o apresente de forma sintética, fornecendo pistas para um estudo mais aprofundado.

Tratando-se de uma acção de auto-formação, a dinâmica específica de cada grupo determinará o seu próprio ritmo.

Numa fase mais avançada do processo, cada grupo será convidado a apresentar aos restantes participantes as conclusões dos seus trabalhos.

Estas apresentações poderão ser feitas com o apoio de textos escritos, sob a forma de "programas de rádio" ou de "televisão" internos, ou através de pequenas representações teatrais, com recurso a "cartoons", posters ou outros meios gráficos ou audio-visuais.

Sempre que possível será elaborado uma síntese em quatro línguas: português, inglês, tetum e bahasa indonésio.

Para a realização dos trabalhos em grupos, para os debates em pequenos grupos ou gerais, para a realização de sessões de expressão dramática, de treino para falar na rádio ou na televisão (com recurso a gravador audio e a câmaras de filmagem em video-cassetes) haverá sessões de periocidade próxima da quinzenal, aos sábados.

O horário e a estrutura típica desses encontros será, normalmente, a seguinte:

9h30 - Chegada dos participantes. Café

10h00 - Reunião geral dos participantes com a Equipa Coordenadora. Avaliação dos progressos realizados, apresentação de dificuldades ou necessidades, quer em

termos de bibliografia ou quaisquer outros. Introdução a um tema de interesse geral ou apresentação de informações sobre a actualidade de Timor Leste ou da Indonésia e pequeno debate.

10h45 a 12h45 - Reuniões em grupos
- Expressão dramática, grupo I, (cerca de 20 participantes)
- Reuniões de grupos de trabalho e de discussão (cerca de 10 grupos de 6 pessoas cada, em 5 salas diferentes);

12h45 a 14h30 - Almoço

14h30 a 16h30 - Reuniões em grupo
- Expressão dramática, grupo II (cerca de 20 participantes);
- Programa de rádio - preparação, gravação e crítica da apresentação pessoal e dos aspectos técnicos (cerca de 7 participantes);

- Programa de televisão - preparação, gravação em video e crítica da apresentação pessoal e dos aspectos técnicos (cerca de 8 participantes);

- Dança timorense, uma forma de expressão cultural e de socialização (cerca de 15 participantes);

- Artesanato timorense - estudo, aprendizagem e produção (dependente da existência de meios técnicos e humanos para o efeito) (5 a 10 participantes);

- Cartoon - mensagem e aspecto gráfico, a crítica política em democracia e o respeito pela dignidade dos cidadãos (5 a 10 participantes);

- Intrepertação simultânea - sensibilização teórica e técnica em português, tetum e bahasa indonésio (6 a 10 participantes)

- Reuniões de grupos de trabalho e de discussão (cerca de 3 grupos com um total de 20 pessoas);

16h30 a 17h15 - Lanche;

17h15 a 18h45 - Reunião plenária sobre os trabalhos realizados nos vários grupos e eventual apresentação dos programas de rádio ou de televisão e os cartoons produzidos;

Debate geral de um ou algum dos temas abordados nos grupos ou de um tema específico escolhido na sessão anterior.

Neste último caso deverá haver uma ou mais intervenções préviamente preparadas a preceder o debate.

Nas sessões plenárias ,serão feitos, sempre que possível, ensaios de interpretação entre as quatro línguas, português, tetum, babasa indonésio e inglês, e o comentário respectivo.

Será também feito trabalho de apoio à tradução de textos escritos para a sua divulgação em Timor, Indonésia, Austrália e outros países.

O calendário previsto é o seguinte:

Setembro -	Apresentação pública do projecto da acção, objectivos visados e sua justificação; abertura de pré-inscrições; - Selecção de candidatos pela equipa coordenadora, tendo em conta critérios propostos pelo Conselho Científico e Político.
12 de Outubro (sábado) -	Início da Acção de Formação. Estabelecimento de grupos de trabalho Sessão Pública da Abertura, com a presença de um ou mais membros do Governo.
26 de Outubro de 1996 -	2ª Sessão (já de acordo com o esquema geral atrás apresentado, tal como as seguintes, até à 14ª).

16-11-1996 - 3ª Sessão
30-11-1996 - 4ª Sessão
14-12-1996 - 5ª Sessão
04-01-1996 - 6ª Sessão
18-01-1996 - 7ª Sessão
01-02-1997 - 8ª Sessão
15-02-1997 - 9ª Sessão
01-03-1997 - 10ª Sessão
15-03-1997 - 11ª Sessão
05-04-1997 - 12ª Sessão
19-04-1997 - 13ª Sessão
03-05-1997 - 14ª Sessão
17 e 18-05-1997 - 15ª Sessão e Sessão de Encerramento. Apresentação e exposição dos resultados dos trabalhos realizados

Estando a decorrer, entretanto, um curso de Comunicação Social, Informática e Sistemas de Informação, com um ramo dirigido para o jornalismo e outro para a comunicação via Inthernet, organizados pela Associação Doze de Novembro, de algum modo complementar desta Acção, pensa-se conjugar esforços no sentido de que os temas debatidos no âmbito da Acção possam ser convertidos em documentos jornalisticos e/ou divulgados via Inthernet, nomeadamente por alunos que frequentem simultaneamente o Curso e a Acção de Formação.

5. ORGANIZAÇÃO E ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA, POLÍTICA E TÉCNICA

A organização desta Acção de Formação para a Democracia em Timor Leste cabe ao movimento Cristão para a Paz = Youth Action for Peace (MCP/YAP).

Ele conta com o apoio da Comissão Organizadora das Jornadas de Timor da Universidade do Porto, da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, da Universidade de Coimbra, quer da sua Reitoria, quer da Associação Académica, quer da TimorNet, da Universidade Católica, da Universidade do Minho, e da Universidade Nova de Lisboa, nomeadamente do Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

A Equipa Coordenadora do Projecto será constituida , em princípio, por:

- Carla Vendinha, Presidente Nacional do MCP/YAP;

- António Barbedo de Magalhães - Coordenador das Jornadas de Timor da Universidade do Porto;

- Carlos Lopes, Timorense, Representante da RENETIL em Portugal;

- Fátima Guterres, Timorense, ex-secretária da Resistência nas montanhas de Timor;

- Ivan Manuel, Timorense, refugiado na Embaixada da Holanda antes de vir para Portugal;

- Francisco Aparício, Timorense.

Será também constituido um Conselho Científico e Político da Acção de Formação, com o fim de os seus membros darem o seu conselho sobre a estrutura e o desenvolvimento da acção, sugerirem temas de estudo e de discussão, proporem bibliografia arranjarem dados sobre a situação recente em Timor Leste, apresentarem estudos científicos ou propostas políticas para debate, sugerirem especialistas para abordarem assuntos específicos, sugerirem animadores ou formadores, fornecerem direcções para contactos, e darem opiniões sobre o desenvolvimento da Acção.

Este Conselho será constituído por um reduzido número de académicos portugueses, de lideres políticos timorenses e de licenciados timorenses.

Foram já contactados para integrarem o Conselho Científico e Político da Acção, as seguintes pessoas:

- António Barbedo de Magalhães, Professor Catedrático da Universidade do Porto, e Coordenador das Jornadas de Timor da Universidade do Porto.

- Albano Estrela, Professor Catedrático e Director da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

- Abílio Hernandez Cardoso, Professor Associado e Pró-Reitor para a Cultura da Universidade de Coimbra

- Luís Lobo Fernandes, Professor Auxiliar da Universidade do Minho e Presidente da Associação Portuguesa de Relações Internacionais.

- José Azeredo Lopes, Professor Auxiliar de Direito, da Universidade Católica Portuguesa (Porto).

- Dr. Ramos Horta, Timorense, Docente de Diplomacia, Resolução de Conflitos e Relações Internacionais, nomeadamente a New South Wales University, Sydney, Austrália e Representante da CNRM.

- Dr. José Luís Guterres, Timorense, Licenciado em Direito, Chefe da Delegação Externa da FRETILIN.

- Engª João Carrascalão, Timorense, Presidente da UDT.

- Sr. Domingos de Oliveira, Secretário Geral da UDT.

- Dr. Roque Rodrigues, Timorense, Licenciado em Psicologia, e Representante da Resistência Timorense em Portugal

- Dr. Mari Alkatiri, Timorense, Licenciado em Direito, Responsável pelas Relações Externas da FRETILIN.

- Padre Apolinário Guterres, Timorense, Licenciado em Antropologia.

- Drª. Milena Pires, Timorense, Vice-Presidente da UDT e responsável pelo sector de Mulheres da UDT.

- Dr. Zacarias da Costa, Timorense, Vice-Presidente da UDT, e Representante da Resistência Timorense junto da UE.

- Engº. Luis Cardoso de Noronha, Timorense, escritor (em tetum e em português), Licenciado em Literatura.

- Drª. Pascoala Barreto, Timorense, Licenciada em Sociologia.

- Drª. Carla Vendinho, Presidente Nacional do MCP/YAP e licenciada em Sociologia.

- Drª. Teresa Cunha, Presidente Internacional do MCP/YAP, Licenciada em Filosofia.

- Drª. Maria Conceição Rendeiro, Licenciada em Medicina, especializada em Saúde Pública e em Pediatria, Directora do Serviço de Pediatria do Hospital de Setúbal, com experiência de Saúde Pública em Timor.

Os membros do Conselho residentes fora de Portugal serão contactados por carta, fax ou telefone, e poderão dar as suas opiniões e sugestões ou fazer as suas críticas pelas mesmas vias.

A organização será coadjugada por um conjunto de quadros técnicos, nomeadamente nas seguintes áreas:

- Expressão dramática (2 pessoas).
- Video (1 pessoa).
- Rádio (1 pessoa).
- Cartoon (1 pessoa).
- Dança (1 pessoa).
- Artesanato (1 pessoa).
- Tradução e interpretação (3 pessoas) uma para cada uma das línguas estrangeiras).

Estes quadros técnicos terão a seu cargo a animação e a formação técnica na área respectiva.

A título voluntário será considerada a participação de especialistas para dinamizar e apoiar estudos em áreas específicas, fornecendo bibliografia, apoiando o estudo e fomentando o debate nessas áreas.